

Trás-os-Montes e Alto Douro: Mosaico de ciência e cultura (colectânea de autores oriundos de Trás-os-Montes), coord. Armando Palavras, Lagoaça: Exoterra, 2011.

Colaborar na divulgação de uma colectânea de textos de autores de Trás-os-Montes e Alto Douro –território geográfico e cultural que continua a ter para nós uma forte carga simbólica, mal-grado a «manta de retalhos» administrativos a que hoje nos sujeitam–, constitui um dever para qualquer transmontano-duriense, mesmo que nela (colectânea) não tenha directamente participado. E tanto mais que esta é uma obra *sui generis*! Por diversas razões. Em primeiro lugar, porque foi idealizada e concebida numa aldeia (aparentemente) igual a tantas outras e nas quais não estamos acostumados a assistir a acontecimentos culturais, muito menos a realizações deste vulto. A aldeia em causa leva o nome de Lagoaça e remonta aos primórdios da Nacionalidade, a quem el-rei Dinis reconheceu importância estratégica no seu esforço de consolidação do Reino, atribuindo esse seu vilar em terra de Miranda, a 14 povoadores, através de carta de foro emitida a 26 de Abril de 1286. E esta obra nasce precisamente para comemorar os 725 anos dessa efeméride. Vemos assim, que falamos de uma freguesia com pergaminhos. Pertenceu pois à Terra de Miranda, autonomizou-se, com os «forais novos» foi incluída no Concelho de Bemposta, depois no de Mogadouro e agora encontra-se vinculada aos freixenistas. Talvez esta dificuldade em a «encaixar» administrativamente revele as suas peculiaridades.

Mas esta publicação, que certamente se deverá ao esforço de muitos, nasceu da vontade do empresário António Neto ao ser nomeado mordomo / presidente da Festa da Senhora das Graças, coadjuvado pelos também lagoaceiros Armando Palavras (que coordenou) e Carlos Novais que, na qualidade de presidente da Junta de Freguesia, apoiou. Está aqui um exemplo de que, quando o Homem quer, a Obra nasce!

Em segundo lugar, porque ela reúne um notável conjunto de textos de mais de 70 autores. Creio que são 71, considerando que detectei dois deles a intervir com pseudónimo, mas que merecem a distinção, se tivermos em conta que um é o referido coordenador e o outro, o *pertués* Amadeu Ferreira desdobrado no mirandês-poeta Francisco Niebro. Pela primeira vez –que eu tenha conhecimento, porque isto de ter certezas esvai-se com a idade–, se produziu tal «mosaico» em Trás-os-Montes e Alto Douro.

«Mosaico de Ciência e Cultura», como o seu subtítulo indica, é o conjunto resultante da combinação de pequenas pedras de coloração variada, com os interstícios preenchidos por uma massa que as liga entre si. Isto numa definição arqueológica. Chamando-lhe antes a Biblioteconomia, miscelânea, antologia, selecta ou colectânea. É pois um livro composto por um conjunto de textos, de diversos autores, em prosa e também em verso, com vários documentos iconográficos de permeio. Esta diversidade faz dele uma obra de referência, que pode ser lida segundo o gosto e interesse de cada um, bastando para tal socorrer-se o leitor da organização que o coordenador lhe imprimiu e expressou nas pp. 391 e seg.

A elaboração de uma recensão crítica (coerente) duma obra deste tipo representa um certo esforço, considerando sobretudo a quantidade de textos nela insertos. Assim, na impossibilidade de todos poder comentar, aproveitarei a organização temática que o seu coordenador lhe conferiu e referirei o nome de (quási) todos os autores e respectivo título do texto com que colaboraram, fazendo aqui e ali, algumas –necessariamente breves–, observações.

Afoitemo-nos então numa viagem pelo interior destas 4 centenas de páginas, imaginando-a em barca pelo nosso Doiro abaixo, num rio de águas arrebatadas, como as do passado, quando ainda podiam ter pressa de chegarem ao mar e aí cumprirem o seu destino. A embarcação correrá veloz e não permitirá dar conta de todas as miradas, como acima se disse.

Vamos então ao primeiro item, designado «País e o Mundo», que tem precisamente como primeiro texto «Voltar à terra e ao mar», de autoria do professor Adriano Moreira. Reflecte o seu autor sobre a actual conjuntura política, económica e social que agrava a sangria de gentes desta

região, que nunca cessou. E cito: «Talvez uma das maiores ameaças para o crescimento sustentado de um país seja ter o técnico, necessitar do técnico, mas não ter emprego para o técnico». Vaticinando que (e volto a citar) «vão ser longos os anos de sacrifícios a exigir à população que decidiu ficar, ou não pôde partir, tendo sido esquecido um velho conceito de governos prudentes e atentos, que era o de promover e defender um conceito estratégico de reserva alimentar (...) Trás-os-Montes, que sempre pertenceu ao Reino, é uma reserva essencial», recorda-nos o intelectual.

De seguida, o artigo de Loureiro dos Santos sobre «A guerra na era da informação», não fosse ele general. No item «Análise/reflexão», a prosa de outro nome grande do nosso Distrito, aliás o seu maior bibliógrafo, legítimo continuador do nosso Abade de Baçal. Refiro-me naturalmente ao professor Hironidino da Paixão Fernandes. «E não é que a luz se fez!...». É este o título. Onde numa linguagem precisa, quasi poética, com alguns saborosos regionalismos da sua Vila Arçã –afinal comuns a várias outras «pedrinhas» deste «mosaico» distrital–, nos recorda o seu amigo e discípulo Fernando Subtil, através de uma carta que dele possui, introduzindo assim nesta colectânea mais um dos nossos, que de outro modo teria ficado de fora, por já não poder responder à chamada de Armando Palavras. Através dessa carta ficamos a saber um pouco mais da sua personalidade. Era um (e cito), «sonhador irrequieto, combativo, frontal».

Luís Dias de Carvalho, analisa a actualidade d'«A usura». Na pág. 27, o artigo «Transmontanismos», um dos 5 textos que não chegaram inéditos à colectânea, mas com os quais a obra sai valorizada, segundo o seu coordenador e com o qual concordamos plenamente, até porque foi publicado numa revista francesa. Pertence ao professor Telmo Verdelho. «Transmontanismos» é uma verdadeira «teoria da transmontaneidade». Neste texto cabemos todos, porque todos nele estamos retratados. Inicia a sua reflexão afirmando que é (e cito) «Nativo de Trás-os-Montes, amante e sempre saudoso da terra, muitas vezes me questiono sobre a razão de ser e de parecer desta condição de origem, arrastada como uma espécie de sandice, pelos transmontanos que vagueiam pelo mundo». E mais adiante, acrescenta que «a memória do lugar, preenchida pelos rostos, pelas coisas, pelos usos e costumes, é como uma configuração mental instituidora, uma referência ou marca de pertença que se repercute para sempre no horizonte do quotidiano de toda a gente». A leitura telúrica de apenas 5 páginas e meia, é a síntese mais lúcida de análise geográfica regional que conheço!

Em «Personalidades Transmontanas», Abílio Gomes evoca «Barahona Fernandes – de Vinhais para o Mundo». Inocêncio Pereira, os «Missionários, navegadores, poetas, militares e historiadores» freixenistas.

Nas «Viagens», o escritor António Modesto Navarro, que foi o primeiro apresentador deste livro –fazendo-o com mestria na ágora de Lagoaça–, sob a epígrafe de «A nossa Liberdade foi uma Biblioteca», recorda como o seu amor pelas letras nasceu com as quadras de um poema que um operário improvisou e lançou a um grupo de rapazes e raparigas sentados numa rua da sua Vila Flor de menino. Bento da Cruz descreve uma ida a Freixo de Espada à Cinta, intitulado-a «Viagem ao Nordeste Transmontano». E viajando «Entre efémero e eterno. Romagem ao cristal da manhã», ao encontro da sua Vilafrol, João de Sá, filósofo que recentemente deixou o grupo dos vivos, aquele que me habituou durante anos a procurar na caixa do correio o quinzenário Terra Quente, para com a sua crónica de página inteira, me deleitar no serão. «Viajar na minha terra é algo mais do que a descoberta de mim próprio, esse caudal tumultuoso de pensamentos, volições e sentimentos enfeixados, por vezes em conflito, sem a bênção de uma foz que os apazigúe. Daí que tenha prescindido de traçados e projectos. É uma viagem sem arquitectura, comandada pelas subtilezas do espírito, pelo que nele há de imprevisível (...)».

«Por Esse Douro Acima», com textos de António Barreto e Ilda Pinto Ribeiro, o sociólogo sintetiza a natureza feita pelo homem e a poetisa refere os 250 anos da criação da Região Demarcada do Douro.

Na secção reservada à «Poesia», Ernesto Rodrigues apresenta-se com «Três Poemas», enquanto que Fernando Castro Branco nos leva à Serra de Montêsinho a partir d'«O parto das pedras».

Ilda Pinto Ribeiro volta ao rio com o «Canto do Douro», o jornalista Rogério Rodrigues que se revela como poeta no pseudónimo de Pedro Castelhana, e Sílvio Teixeira com o poema-postal «Páscoa».

Nas «Narrativas», a colaboração do Historiador António Borges Coelho com «O homem do chapéu amarelo». António Passos Coelho fala-nos de Francisco do Carmo, um «azarado miúdo entregue à lei da natureza» que começou por ter a nomeada de «Filho da desgraça» por ser filho de «pai natural» e depois crismado de «O pai do trabalho», porque a orfandade o obrigava a oferecer os seus braços aos vizinhos que o alimentavam e remendavam. Afinal a história de tantos infelizes em tempo de miséria.

Bernardino Henriques oferece-nos dois bonitos textos: «Abraço meio fraterno» e «Tejo», nome de rio e de cão. De facto os nossos antigos tinham o hábito de chamar os canídeos por nomes de rios. Para os proteger da raiva, já que esta doença os faz repelir a água, diziam.

Fernando Castro Branco regressa nesta modalidade com, «A ausência do estalajadeiro». Fernando Chiote Tavares e a «Fotografia», afinal uma história de amor e desamor. J. Rentes de Carvalho, o autor de «Ernestina», transmuntano repartido entre os Estevais (de Mogadouro) e a Holanda, a emprestar a sua prosa de profissional a esta colectânea, com a história de um homem simples que sofria com as saudades do seu amigo «Fáisca». Jorge Tudela, com «Adeus, terra, adeus, pátria...», dá a voz a Victor, transmuntano que como tantos outros, assenta arraiais na Grande Lisboa. Manuel Cardoso, o médico veterinário macedense, que aqui confirma os seus dotes de novelista, com «Os trasgos do senhor engenheiro», aquele que projectava uma barragem e nada sabia desses seres que habitam as águas e podem vingar-se com a invasão.

No capítulo «Monografias», apenas o meu texto, «Das coisas da Loisa – uma aldeia empoleirada no Doiro». Aquela Lousa que em dia aziago «pôs a guarda a lavar» e lhe deu má fama.

Na área do «Mercado de Trabalho», também uma só participação, a de Márcia Trigo, com o trabalho de investigação titulado «Imperativo do mercado global de trabalho, da competitividade e da inovação empresarial».

Nos «Costumes e tradições», as intervenções de Alexandre Perafita, que trata a «Tradição Entrudo em Trás-os-Montes», e a de António Pinelo Tiza que nos fala da «Festa da cabra e do canhoto», em Cidões.

«Por terras de Ribacôa» dá voz à arqueóloga Alexandra Lima, que nos divulga a criação de uma nova territorialidade, através da publicação do mapa inspirador «Do Côa a Siega Verde, a arte da luz» em que eu, levemente, também participei. Intitulou este seu texto, «Entre o Côa e o Douro Internacional».

No item «Por terras de Foz Côa», outro arqueólogo, A. Martinho Baptista, este especializado em arte rupestre, através do texto «Eu projecto, tu projectas... O Parque Arqueológico e o Museu do Côa», no qual põe os seus conhecimentos desses dossiês ao nosso dispor.

Das «Terras Barrosãs», quem melhor que António Lourenço Fontes e Barroso da Fonte, poderia dizer? «Uma região com identidade transmuntana» e «Casa de Bragança – 600 anos ao serviço de Portugal», são os títulos com que nos obsequiaram.

E chega a vez das nossas «Terras de Miranda», onde três mirandeses dissertam sobre a história, a Lei da *lhéngua* mirandesa e várias histórias, nesse idioma vernáculo com o qual todos nos identificamos apesar de poucos o dominarem. Será que o facto de o terem baptizado de «mirandês» não dificulta a sua assunção por parte de todos os transmuntanos? Afinal ela encerra em si uma cultura à qual todos nós pertencemos, incluindo os do território para lá da fronteira política, por se tratar, nada mais nada menos, que do *llionés*. Está bom de ver que falamos dos irmãos Amadeu e Carlos Ferreira e de Júlio Meirinhos, lídimos representantes desses falantes, apesar de outros haver.

Em «Reminiscência», Donzília Martins com «O relógio da saudade» e outras histórias, e, Virgílio Gomes, com «Saudades».

A «Arte» entregue ao mestre Nadir Afonso com «O trabalho artístico mediante a meditação perseverante», onde afirma: «existem na natureza, dois tipos de atributos: as qualidades e as quantidades. As quantidades sempre existiram à superfície do planeta; são atributos universais,

intrínsecas das formas, ao passo que as qualidades surgem com o aparecemento do homem e suas funcións e formam propiedades regionais dependentes das diferentes razas».

Segue-se-lhe Eugénio Cavalheiro com, «A representación pictórica da Visitação do séc. XV ao séc. XVII, alguns exemplos».

Da «Música» se encarregaram José Neves através d' «O paradigma da nossa identidade cultural», Paulo Preto, da «Música nas terras de Miranda do Douro. Galandum Galundaina» e, o «portuguesinho mais bonito do Brasiu», no dizer de um apresentador televisivo daquele país nosso irmão, Roberto Leal, com «A música na minha vida...».

Na «Museologia», Nelson Campos, com «O museu como espaço de investigación e instrumento de comunicación – reflexões a partir do caso do Museu do Ferro & da Região de Moncorvo», para cuja criação contribuí.

Sobre a «Ciência», se encarregou a veterinária Maria dos Anjos Pires, com «CSI UTAD: investigando causas de morte» e, Paula Seixas Arnaldo, através d'«Os mistérios da Borboleta Azul».

A «Gastronomia», foi deixada ao cuidado de José António Silva, que tratou a «Confraria dos Vinhos Transmontanos» e, Jorge Lage, a defender a utilização da castanha na panificação e pastelaria, com o seu «Marron Glacé a castanha divinizada».

Na área da «Crítica Social», os responsáveis pela publicação deste livro, imbuídos do espírito democrático, deram voz a Manuel António Pires Brás, alguém muito descontente com (alguns excessos d)a Revolução de Abril, cujos sentimentos plasmou nas suas «Histórias Nordestinas». Sílvio Teixeira, servindo-se da poesia, desanca, nos «Políticos contemporâneos», pela descrença que imprimem no âmago dos eleitores.

E, depois, o quinhão merecido por «Lagoaça». Subordinados a este tema, ou sob a epígrafe de «Testemunhos», seguem-se 22 textos (ou outra forma de expressão, como a leitura paleográfica da carta de foro, a musical, o desenho, a fotografia). Um cento de páginas lhe são dedicadas, com toda a justiça!

Mas não pensemos que só terão interesse para os lagoaceiros, pois aí encontraremos textos de ilustres Antónios, como Pires Cabral (que evoca Augusto Moreno), Almeida Santos (que conta como se tornou filho adoptivo de Lagoaça), Pimenta de Castro, Júlio Andrade (ambos à volta com os «marranos»), Armando Palavras (que aborda os «Aspectos de religiosidade periférica nos séculos XVII e XVIII»), Hironidino Isaías, um longo e bonito registo da carrazedense Otília Lage, entre vários outros colaboradores e colaborações dos/das quais já não poderei dar notícia. A não ser de Adelaide Neto, que encerra o livro, dando-nos conta que um dia foi à Festa da Senhora das Graças, «bebeu auga da fonte» e, ficou devota da santa, da terra e dum lagoaceiro, por sinal o patrocinador desta obra. Não olvidando que ela (a obra) contém nas últimas páginas sínteses biobibliográficas dos autores intervenientes.

Carlos d'Abreu

RIBACVDANA. Associação de Fronteira
para a Desenvolvimento Comunitário